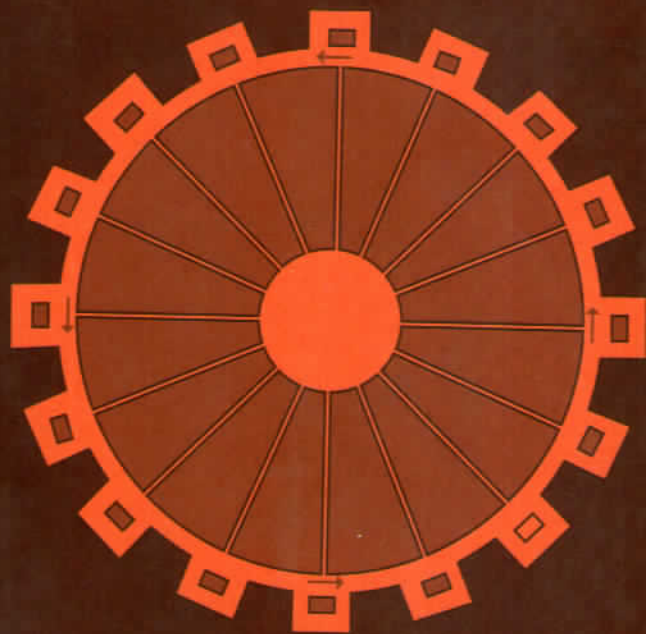


# LÍNGUAS E CULTURAS MACRO-JÊ



Silvia Lucia Bigonjal Braggio  
Sinval Martins de Sousa Filho  
Organizadores

# O TRATAMENTO DOS EMPRÉSTIMOS NA LÍNGUA APINAYÉ

*Francisco Edviges Albuquerque (UFT)*<sup>1</sup>

**RESUMO:** A língua Apinayé, língua indígena pertencente ao Tronco Macro-Jê, é falada por aproximadamente 1.600 pessoas, residentes em 16 aldeias, localizadas no extremo norte do Estado do Tocantins, região compreendida entre os rios Araguaia e Tocantins, conhecida como Bico-do-Papagaio. Nesse trabalho, discutimos o processo de incorporação de itens lexicais do Português na língua Apinayé, levando em consideração a tipologia de empréstimos abordada por Grosjean (1982), Romaine (1995), Braggio (1997), dentre outros. Além de descrever e analisar os processos de empréstimos, especialmente nos itens emprestados que levam o acréscimo das partículas *-re* e *-ti*, ressaltamos as diferenças entre as falas dos Apinayé da Aldeia Mariazinha e os da Aldeia São José.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos o tratamento dos empréstimos da língua Apinayé, levando em consideração o contato com a sociedade majoritária, visto que esse fator segundo Albuquerque (1997, 2002), tem contribuído significativamente para o processo de aquisição das

<sup>1</sup> Doutor em Letras. Professor Adjunto do Colegiado de Letras da UFT. Campus de Araguaína

duas línguas (Apinayé e português) nos diversos domínios sociais Apinayé. Embora a língua indígena continue sendo usada nos diversos domínios sociais dentro das aldeias, a língua portuguesa, nos últimos anos, venha ocupando os espaços que antes eram apenas da língua indígena. Este fator vem contribuindo para ampliação do léxico do Apinayé, através do processo de empréstimos lingüísticos.

Segundo Da Matta (1997), a história do contato dos Apinayé com a sociedade envolvente também é marcada por várias agências, que vêm exercendo um processo de coerção de modo direto no processo político das aldeias, cada qual com sua imagem do índio, imagem determinada socialmente pelos interesses sociais e políticos. Assim, fatores como esses atrelados a outros de ordem sociocultural, político e lingüístico também contribuem para ampliação do léxico da língua Apinayé.

Langacker (1975) diz ser o empréstimo um fenômeno lingüístico muito comum. Provavelmente nenhuma língua cujos falantes tenham tido contato com qualquer outra língua está completamente livre de formas emprestadas. Entretanto, as línguas diferem radicalmente com relação à proporção de unidades lexicais em seus vocabulários que podem ser atribuídos a empréstimos (o Apinayé, por exemplo, possui muitas palavras emprestadas do português no seu léxico).

No sentido mais amplo, segundo Bloomfield (1933), o condicionamento social para os empréstimos é o contato entre povos de línguas diferentes, que pode ser por coincidência, por proximidade geográfica ou por intercâmbio cultural.

Para Dubois *et al.* (1998), o empréstimo é um fenômeno sociolingüístico mais importante em todos os contatos de línguas, isto é, todas as vezes que existe um falante apto a se servir total ou parcialmente de dois falares diferentes. O empréstimo, na visão de Dubois *et al.* se liga necessariamente ao prestígio de que goza uma língua ou o povo que a fala, ou então ao desprezo de que ambos são vítimas.

Calvet (2002) afirma que o empréstimo é um fenômeno coletivo, em que todas as línguas tomam emprestadas palavras ou fonemas de línguas próximas e que por vezes se torna massivo.

Mattoso Câmara Jr. (1989) afirma que a tendência geral dos empréstimos é adotarem a fisionomia fonológica e morfológica da língua importadora. Assim, a influência mórfica de uma língua sobre a outra, vizinha ou coexistente na mesma área, faz-se sentir principalmente numa mudança de concepção de categoria. Para o autor, há menos rigor em um nivelamento morfológico do que em um nivelamento cultural, que modifica a mentalidade coletiva de uma comunidade lingüística.

Ribeiro e Cândido (2005), ao estudarem os processos de empréstimos na língua Shanenawa, afirmam que empréstimo é a palavra ou expressão cedida por uma língua (doadora) a outra (receptora).

Ribeiro (2002), ao tratar dos empréstimos em Karajá, argumenta que há uma série de empréstimos, tomados de outras línguas indígenas, que não foram mencionados nos estudos anteriores. Tal situação se deve, provavelmente, ao fato de esses empréstimos não serem sincronicamente identificados como tais por esses povos.

Romaine (1995) afirma que há dois tipos de empréstimos: os necessários e os desnecessários. Os primeiros preenchem lacunas lexicais numa certa língua, enquanto que os segundos são essencialmente gratuitos.

Para Braggio (1997), começa cedo para as crianças indígenas que usam duas línguas o empréstimo de elementos da segunda-língua para a sua língua e vice-versa. Muitos empréstimos de L2 para L1 não são percebidos pelas crianças como não sendo vocábulos de sua língua, pela forma como foram tratados pelo grupo. Por isso, é importante notar que o uso do empréstimo não fica restrito a um indivíduo do grupo indígena, mas é estendido ao grupo como um todo.

Carvalho (1989) apresenta uma tipologia dos empréstimos, classificando-os do seguinte modo: empréstimos quanto à origem,

empréstimos não-lexicais, empréstimos lexicais (processos e frases, formas de adaptação, aspecto semântico), empréstimos denotativos e conotativos e empréstimos no contexto social brasileiro. A autora afirma que:

Na relação entre duas línguas, a vizinhança ou coexistência geográfica tende a modelar o léxico de uma e de outra por um recorte analógico do mundo objetivo, e desta maneira cada língua conserva suas formas fônicas, mas introduz um novo conteúdo gramatical ou conceitual. (CARVALHO, 1989, p. 34)

Segundo Carvalho (1989), a língua que cede o termo é considerada a língua fonte, e a língua que o recebe, a língua receptora. O traço cedido é o modelo de empréstimo que poderá ou não sofrer adaptações segundo os padrões da língua receptora. As causas dos empréstimos, segundo Carvalho, podem ser divididas em dois grupos: a) aquelas devidas ao contato interpessoal, à convivência dos falantes; b) aquelas devidas aos contatos à distância, mediatizados por canais artificiais.

## **EMPRÉSTIMOS LEXICAIS**

Fialho (1998) faz um estudo sobre a tipologia de empréstimos na língua Karajá, apresentando os casos de empréstimos mais frequentes, afirmando que, nesta língua, as raízes verbais da língua portuguesa entram nos empréstimos como nomes.

Bloomfield (1933) classifica os empréstimos em íntimos, culturais e dialetais. Referindo-se a essa classificação, Carvalho (1989) responsabiliza os empréstimos íntimos, culturais e dialetais, pela renovação vocabular, em grande parte, uma vez que são em sua maioria de natureza lexical. A autora acrescenta ainda que os empréstimos

fonológicos e sintáticos são os mais raros, e que os sistemas lexicais das línguas são mais abertos a mudanças, enquanto os sistemas fonológicos, morfológicos e sintáticos são mais fechados a modificações. Assim, os empréstimos mais freqüentes são os substantivos e adjetivos, sendo os verbos menos freqüentes.

Na língua Apinayé, além da grande quantidade de substantivos emprestados do português, são também comuns empréstimos envolvendo numerais a partir do número quatro, uma vez que o Apinayé dispõe de números até três:

têjêsês	[tezeses]	“dezesseis”
ôjt	[ojt]	“oito”
kwatôs	[kwatos]	“quatorze”
sêt	[set]	“sete”

Também em Apinayé, é muito comum que, aos itens lexicais emprestados do português, sejam incorporados os sufixos nominalizadores *-re* e *-ti*, os mais produtivos em Apinayé. Nos exemplos a seguir, ilustramos o emprego das partículas *-re* e *-ti*, em palavras emprestadas do português. Tais partículas têm na língua Apinayé a função de marcadores de grau (*-re*: diminutivo; e *-ti*: aumentativo). Nos empréstimos, entretanto, tais partículas, ao serem aglutinadas a itens lexicais pertencentes à categoria dos nomes, atuam, redundantemente, como nominalizadores, transformando nomes da língua portuguesa em nomes da língua Apinayé.

mômõtore	“chiclete”
mômõtore	“pirulito”
muhaxre	“bolacha”
wiohãwti	“violão”

makahãwti “macarrão”  
petegre “peteca”  
mômõre “bombom”  
boti “bola”  
sapãwti “sabão”

## EMPRÉSTIMOS NÃO-LEXICAIS

De acordo com Carvalho (1989), os fonemas e os morfemas gramaticais parecem infensos à inovação porque seu sistema possui um pequeno número de elementos, tornando-se fechado e solidário. Já o léxico, sistema em expansão é aberto às inovações. Para a autora, os empréstimos de fonemas são muito raros, existindo apenas nas situações de bilingüismos.

Como os empréstimos de fonemas são quase inexistentes, Carvalho afirma que,

em relação ao sistema fonético-fonológico, o empréstimo é muito rejeitado, visto que os falantes adaptam, à sua maneira, os fonemas estrangeiros. As adaptações fonéticas são feitas pelas línguas importadoras dentro de seu padrão fonético. (CARVALHO, 1989, p. 41)

Confirmando as palavras de Carvalho, esse tipo de empréstimo é muito produtivo nas comunidades Apinayé, conforme mostraremos nos exemplos abaixo, em que comparamos os fonemas do português com os do Apinayé, ficando configurados os processos de substituição dos fonemas utilizados pelos Apinayé, ao se apropriarem de vocábulos da língua portuguesa.

Correspondência entre fonemas da língua portuguesa e os da língua Apinayé

PORTUGUÊS	APINAYÉ	EXEMPLOS	
		PORTUGUÊS	APINAYÉ
B	p	<u>b</u> anheiro	pājêhti
L	r	lar <u>an</u> ja	rārāj
K	g	pet <u>e</u> ca	petegre
U	w	qu <u>at</u> ro	kwat
Z	j	ar <u>oz</u>	arôj
D	t	de <u>z</u> esseis	têjêsês
ʃ	s	choc <u>o</u> late	sokolati
3	j	gel <u>a</u> deira	jeradêre

Por outro lado, paralelamente, observa-se em Apinayé a inclusão no seu sistema fonológico de fonemas emprestados do português. Observem-se os exemplos a seguir:

- [b] bombom [bõbõrɛ] “mômõre”  
[v] vovozinho [vovorɛ] “wôwôre”  
[d] vender [vêde] “wênê”  
[f] café [kafɛ] “kafe”  
[h] macarrão [makahãw] “makahãw”  
[s] saia [saj] “saj”

## EMPRÉSTIMOS SEMÂNTICOS

Este tipo de empréstimo é apenas empréstimo de significado. Para Carvalho (1989), é constituído de palavras já existentes na língua utilizada com uma nova aceção isolada. A autora acrescenta que algumas vezes a mudança semântica causa um falso cognato, visto que a semelhança de forma leva o falante a



tomá-lo num sentido próprio, diverso ou mesmo inverso ao sentido original.

De acordo com nossos dados, a produtividade da extensão semântica, que se desenvolve como processo de metonímia pelos povos Apinayé, nas diversas faixas etárias e em todas as aldeias, evidenciase, conforme exemplos abaixo:

kôkapê:	movimento do vento	⇒	ventilador
kakôtygre:	água preta	⇒	café
myt karô:	sol imagem	⇒	relógio
kupê karô:	não – índio e imagem	⇒	fotografia
gutôj:	minhoca	⇒	sinal diacrítico til
gutôj grâ:	minhoca seca	⇒	macarrão
par kâ:	capa do pé	⇒	sapato
kâx krikrire:	motor de ferro	⇒	motocicleta
kâx kapêr:	ferro que fala	⇒	rádio
kâx kâm kupê karô:	imagem do branco no ferro	⇒	televisão
pîgupure:	aquele que rodeia a (árvore)	⇒	jumento
môx kagô:	caldo de vaca	⇒	caldo de carne

## EMPRÉSTIMOS NO CONTEXTO SOCIAL BRASILEIRO

Os empréstimos lingüísticos são fenômenos muito mais complexos do que parecem, especialmente, quando se configuram as interações de línguas estruturalmente diversas. Para Câmara Jr. (1989), as pequenas comunidades possuem certo sentimento de solidariedade lingüística com falares vizinhos, desde que não haja sérios conflitos de inteligibilidade e estrutura. Desaparecem assim as condições desfavoráveis ao empréstimo em seu sentido mais amplo.

Para Carvalho (1989), a língua portuguesa não é um veículo de uma cultura uniforme, uma vez que nações diferentes em que a língua portuguesa foi adotada como língua oficial possuem suas peculiaridades e preferências na adoção de termos estrangeiros.

Em se tratando de empréstimos no contexto social, no que diz respeito a nomes próprios de pessoas, as comunidades Apinayé apresentam um grau de adoção bastante alto: a maioria de seus membros possui nomes legítimos da língua portuguesa, visto que há, nestas comunidades, um considerável número de casamentos mistos, principalmente nas aldeias que fazem parte do Posto Indígena da Mariazinha. Assim como nas demais comunidades indígenas brasileiras, esses empréstimos se dão em função dos diversos contextos sociais e agências de contato, que estão ligados direta ou indiretamente aos povos Apinayé. Muitas vezes os nomes próprios em português são reflexos de admiração e afeto dos Apinayé por não-índios que com eles convivem ou conviveram (exemplo: Roberto da Mata Apinayé). Outras vezes, são o resultado de resistência dos Cartórios das cidades vizinhas às aldeias em efetuarem registros com nomes indígenas.

Neste artigo, tratamos de algumas considerações sobre os critérios tanto lingüísticos quanto não-lingüísticos, que contribuem para os empréstimos lingüísticos na língua Apinayé.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALBUQUERQUE, F. E. Aspectos da situação sociolingüística dos Apinayé de Riachinho e Bonito. In: SANTOS, L. dos; PONTES, I. (orgs.). *Línguas Jê: estudos vários*. Londrina: Editora da UEL, 2002.

\_\_\_\_\_. *Contato dos Apinayé de Riachinho e Bonito com o português: aspectos da situação sociolingüística*. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) UFG: Goiânia, 1999. BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Henri Holt, 1933.

BRAGGIO, S. L. B. Aquisição e uso de duas línguas: variedade, mudança de código e empréstimos. *ABRALIN* - Boletim da Associação Brasileira de Indígena, 1997.

CALVET, L. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002. Trad. Marcos Marcionilio.

CÂMARA JR, J. Mattoso. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

CARVALHO, N. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

DA MATA, R. *Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé*. Petrópolis: Vozes, 1976

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. 5.ed. São Paulo: Cutrix, 1998.

FIALHO, M. H. S. S. *Neologismos em Karajá*. Monografia. Museu Nacional: Rio de Janeiro, 1998.

GLEASON, H. A. *Introdução à lingüística descritiva*. Lisboa: Fundação Colouste Gulbenkian, 1982.


GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

LANGACKER, R. W. *A linguagem e sua estrutura*. 2.ed. Petrópolis Vozes. 1975. Trad. Gilda Maria Corrêa de Azevedo.

RIBEIRO, E. R. Empréstimos Tupi Guarani em Karajá. *Revista do Museu Antropológico da UFG*, Goiânia: CEGRF/UFG, v.1, n.1, 2002.

RIBEIRO, L. A. A.; CÂNDIDO, G. V. Empréstimos na língua Shanenawa (Pano). *Revista do Museu Antropológico da UFG*, Goiânia: CEGRF/UFG, v.8, n. 1, jan./dez. 2005.

ROMANIE, S. *Bilingualism*. Cambridge, Masss: Blackwell, 1995.



## MARCAS DA ORALIDADE TIMBIRA NA PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS EM PORTUGUÊS

*Rosane de Sá Amado (USP)*

**RESUMO:** Este trabalho visa descrever e analisar marcas de oralidade da língua timbira na produção de textos escritos em Português. Os textos foram produzidos por alunos timbira, participantes do X Módulo do Ensino Fundamental da Escola Timbira, realizado pelas Secretarias de Educação do Maranhão e do Tocantins em conjunto com a Funai e com o Centro de Trabalho Indigenista (CTI). Embora sejam falantes de português como segunda língua (PL2), com nível de fluência intermediário, os timbira apresentam grandes dificuldades na elaboração de textos escritos. Os textos foram solicitados nas aulas de português, ministradas por esta pesquisadora, em forma de redações nos gêneros descritivo, narrativo e expositivo-argumentativo. A partir da leitura, fez-se um levantamento de marcas de oralidade, tais como marcadores verbais de início e fechamento do texto, uso de paráfrase, entre outras. Este trabalho faz parte do projeto "Aquisição do Português como Segunda Língua entre Comunidades Timbira", atualmente em andamento na Universidade de São Paulo.